

Julie Caplin

O  
pequena  
café  
de  
Copenhague



O  
pequeno  
café  
de  
Copenhague

Título original: *The Little Café in Copenhagen*

Copyright © 2018 por Julie Caplin

Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes  
sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Carolina Rodrigues

*preparo de originais:* Marina Góes

*revisão:* Camila Figueiredo e Suelen Lopes

*diagramação e adaptação de capa:* Miriam Lerner | Equatorium Design

*capa:* © HarperCollinsPublishers Ltd 2018

*imagem de capa:* © Shutterstock.com

*impressão e acabamento:* Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C242p

Caplin, Julie

O pequeno café de Copenhague / Julie Caplin ; tradução Carolina  
Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.

352 p. ; 23 cm (Destinos românticos ; 1)

Tradução de: The little café in Copenhagen

ISBN 978-65-5565-252-9

1. Romance inglês. I. Rodrigues, Carolina. II. Título. III. Série.

21-74647

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br



Para a Equipe Copenhagen, Alison Cyster-White e Jan Lee-Kelly, meus queridos amigos, comparsas e elfos viajantes maravilhosos.  
#companheirosdeviagemaltamenterecomendaveis

PARTE UM

# Londres





## Capítulo 1

– Vejo você mais tarde.

Dei um beijo rápido na boca de Josh e trocamos um sorriso cúmplice. Ele me puxou em busca de um segundo beijo mais demorado, enfiou as mãos por dentro do meu casaco e as deslizou pelo meu corpo, enquanto levantava meu vestido.

– Tem certeza que não quer ficar mais um pouco?

A voz dele soou meio rouca, sugestiva.

– Tenho, eu não posso. Você vai se atrasar, e...

Olhei por cima do ombro.

– E o Dan pode chegar a qualquer momento – acrescentei.

O cara com quem ele dividia o apartamento tinha um faro infalível para interromper no momento mais inoportuno, feito um labrador no meio das pernas da gente. Connie, que dividia o apartamento comigo, era bem mais diplomática. Na verdade, ela sabia viver em sociedade.

Josh me soltou, pegou a tigela de cereal e se recostou no balcão da cozinha. Comeu lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo.

– Te vejo mais tarde – disse ele, e deu uma piscadela.

Peguei a bolsa com o notebook, fechei a porta do apartamento dele – bem mais legal que o meu – e desci a rua correndo até o metrô, repassando mentalmente tudo que eu precisava fazer naquele dia.

Depois de dois anos seguindo o mesmo trajeto até o trabalho, sempre suada, sem fôlego e frustradíssima com os atrasos e pausas na linha, passei da estação. Pela primeira vez na vida. Um contratempo que merecia ser registrado. Em Londres, você precisa estar alerta o tempo todo. Checar

e-mails, mensagens, *threads* nas redes sociais, a coisa não tem fim. Passei da estação simplesmente porque estava absorta pensando “Quanta baboseira!” enquanto lia por cima do ombro de alguém uma matéria sobre a última tendência de estilo de vida. *Hygge*, um conceito dinamarquês. Connie tinha resmungado alguma coisa sobre isso outra noite, enquanto segurava um livro sobre o assunto e acendia velas por todo lado em uma tentativa infeliz de tornar mais aconchegante nosso melancólico apartamento. Até onde sei, algumas velas jamais poderiam compensar o péssimo gosto do nosso locatário e, quando me dei conta, as portas se fecharam em Oxford Circus.

Saltar na estação seguinte e pegar outra composição voltando não me atrasaria, eu só chegaria um pouco mais tarde do que o habitual. Sempre chego ao trabalho supercedo. Para demonstrar comprometimento. Não que eu me importe ou esteja tentando ganhar pontos. Bem, talvez alguns. Mal posso esperar para subir na vida e... Ai, nossa! Parece muita babação de ovo e perfeccionismo, mas juro que não é nada disso. Eu amo ser diretora de contas de uma das maiores agências de relações públicas em Londres. Quando digo que amo, me refiro à maior parte do que envolve o trabalho. Eu dispensaria a política de escritório e as manobras internas para conseguir uma promoção, e o salário também poderia ser melhor. Mas, se tudo desse certo, isso estava prestes a mudar; minha ascensão profissional já tinha passado da hora. Quando acontecesse, eu ganharia um pouco mais e poderia arcar com uma mudança para algum lugar que não tivesse uma infiltração de 25 centímetros e em forma de moicano se alastrando pela parede da sala de estar.

Mesmo tendo perdido a estação, havia tempo para me fazer um agrado com um Butterscotch Brulée Latte. Só quando parei na fila vi a mensagem da Megan, minha chefe, perguntando se eu poderia ir direto até a sala dela quando chegasse.

Com um sorrisinho, enfiei o celular na bolsa. Não daria tempo de encontrá-la antes de ir para a sala da diretoria, onde, sempre em uma sexta-feira, todos os 55 colaboradores da agência se encontravam para a reunião bimestral de comunicação interna. Nessa ocasião, os casos de sucesso e as grandes novidades gerais – como as promoções – eram anunciados. Eu tinha uma boa ideia do motivo pelo qual Megan havia me chamado. Vinha esperando por esse momento fazia tempo. Duas semanas antes, eu tivera a brilhante ideia – sim, meu timing é maravilhoso – de

defender minha promoção para o cargo de diretora de contas sênior, e estava razoavelmente, quer dizer, não muito, confiante de que a sugestão tinha sido bem recebida. Megan vinha insinuando que, em breve, poderia chegar uma boa notícia.

Apesar de querer pular de ansiedade enquanto subia a escada até o terceiro andar, meus saltos batiam de leve no chão, com dignidade e profissionalismo, em passos elegantes como exigia o vestido preto feito sob medida que Connie insistia em descrever como meu look para o funeral da Hillary Clinton.

Ocupei uma das cadeiras ergonômicas às quais minha postura se recusava terminantemente a se adaptar. O formato ondulado do plástico verde-limão deveria, em tese, fazer a pessoa se sentar de maneira adequada, mas minha coluna deixava bem claro que estava mais do que satisfeita em continuar do jeito errado.

Tentando arrumar uma posição confortável, dei uma olhada na sala enquanto as pessoas iam chegando aos poucos. Recém-redecorada, a sala de reunião agora ostentava um look Mãe Terra, contando com uma parede de uns 3 metros quadrados coberta de plantas. Eu não estava muito convencida de que não abrigasse também uma imensa variedade de insetos. Em tese, era algo inspirador e ao mesmo tempo prático: aparentemente, a parede produzia oxigênio fresco (por acaso existe oxigênio passado?) para ajudar a estimular a criatividade. Uma pequena cascata zen também tinha sido instalada para promover tranquilidade e clareza mental, embora eu tenha descoberto que, se estivesse com vontade de ir ao banheiro, o som me tornava incapaz de pensar em qualquer outra coisa.

Apesar da decoração presunçosa, sempre que eu olhava em volta gostava do que via. Eu tinha conseguido. Eu trabalhava para a The Machin Agency, uma das maiores empresas de relações públicas de Londres. Bem no caminho da próxima etapa do meu plano de cinco anos. Nada mau para uma garota de Hemel Hempstead, a cidade mais feia do Reino Unido, segundo dizem. Naquele dia, eu daria mais um passo.

Ed, o diretor administrativo, entrou na sala e, dois segundos depois, Josh se esgueirou porta adentro. No último segundo possível ele conseguiu um assento na fileira da frente e nossos olhares se cruzaram quando Josh passou por mim. Eu não tinha guardado um lugar para ele, nem ele esperava que



eu fizesse isso. Tínhamos combinado que ninguém do trabalho precisava saber que Josh Delaney e Kate Sinclair estavam saindo, principalmente por trabalharmos na mesma equipe, no departamento de atendimento.

Ed tinha um monte de comunicados a fazer e fiquei ali ansiosa, esperando.

– E gostaria de falar sobre a nossa mais recente promoção.

Endireitei um pouco mais a postura e descruzei as pernas, tentando exibir uma expressão de humildade, mas também de merecimento. Tinha chegado a hora.

– Gostaria que todos parabenizassem Josh Delaney pela promoção a diretor de contas sênior.



– Kate.

Olhei para cima ao ouvir o tom brusco da minha chefe. Como sempre, ela estava perfeita. Seu cabelo castanho-avermelhado, cheio e levemente ondulado; um ar romântico, mas não em excesso; usando um vestido feito sob medida, justo mas não muito revelador; alta e esguia em seus saltos. Arrasadora e incrível.

– Podemos dar uma palavrinha?

Assenti, de repente sem confiar na minha voz. Eu já tinha visto um quê de empatia nos olhos dela.

Segui Megan até sua sala e fechei a porta quando ela assentiu, sentando com cuidado no sofá retrô cinza-escuro que sempre parecia mais convidativo do que era.

– Eu queria ter falado com você antes da reunião. Você costuma estar aqui a essa hora.

Dei de ombros.

– Um problema no metrô.

De jeito nenhum eu admitiria para ela que passei da estação. Não era o tipo de coisa que eu fazia.

Ela cruzou os braços e começou a andar.

– Eu sinto muito que você tenha descoberto desse jeito. Sei que estava ansiosa por essa promoção, mas... considerando tudo, a diretoria achou que você precisava de um pouco mais de experiência. Um pouco mais de *gravitas*.

Assenti. A Srta. Doida-para-agradar, a “minha chefe tem sempre razão”, essa porcaria. *Gravitas*? Mas que m... o que significava isso?

– Além do mais...

Os lábios pintados de Megan se curvaram em um biquinho enojado.

– Você ainda é nova.

Eu tinha exatamente a mesma idade que Josh. Eu sabia aonde ela queria chegar.

– Eles queriam um homem.

Megan não respondeu. Interpretei o silêncio como um “sim”.

– Eles ficaram muito impressionados com as ideias do Josh para a marca de produtos para a pele. Acho que foi isso que pesou a favor dele. Ele é criativo e tem... *gravitas*.

Assenti de novo, automaticamente. Criativo o cacete. Só bom à beça em usar as minhas ideias como se fossem dele.

Eu ainda estava fervendo de raiva. Completamente frustrada. Parecendo despreocupada, consegui tomar o café ridiculamente caro e ostensivo, mesmo arrependida de ter comprado aquela porcaria. Acima de tudo, estava arrependida por não ter conseguido encenar o papel digno de Oscar da perdedora graciosa, porque transpareci estar um pouquinho decepcionada. Duas coisas ficaram presas na minha garganta: primeiro que Josh nem sequer mencionara estar tentando uma promoção, e segundo que “a ideia genial de um aplicativo para a nova campanha de produtos para a pele” por acaso era minha.

– Kate, nós temos você em altíssima conta e tenho certeza de que em alguns meses poderemos rever a sua situação.

Ergui o queixo e assenti, mas ainda assim Megan viu meus lábios tremendo de leve. Bem, ao menos ela não devia fazer ideia de que, enquanto olhava para o bico fino dos meus saltos pretos estilo “estou prestes a ser promovida”, eu estava ocupada imaginando o momento em que eles fariam contato com a genitália macia e sensível de certa pessoa.

Ela suspirou e remexeu em alguns papéis em sua mesa.

– Tem uma coisa que... Isso aqui acabou de chegar. Acho que você pode dar uma olhada. A gente não ia se dar ao trabalho, mas... Bem, você não tem nada a perder se quiser tentar.

Não era a migalha mais instigante do mundo, mas era melhor do que nada.

Inclinei a cabeça, fingindo interesse enquanto tentava esconder a decepção que fervilhava dentro de mim.

– Lars Wilder nos procurou.

– Sêrio?

Franzi a testa. Três meses antes, o empresário dinamarquês Lars Wilder tinha deixado em polvorosa o cenário da publicidade em Londres. As agências pareciam um bando de *groupies* apaixonadas, desesperadas para conseguir a conta dele.

– Ele se encontrou com... – ela citou nossos maiores concorrentes –, discutiu com todo mundo e ainda não fechou contrato com ninguém para lançar sua nova loja de departamentos. O cara não gostou de nenhuma ideia, está buscando algo novo. Acho que pode ser uma ótima oportunidade para você mostrar seu valor.

– Mas? – perguntei, sentindo o desconforto dela.

– Ele quer uma apresentação depois de amanhã.

– Em dois dias?

Megan estava dando risada, mas por dentro se mantinha extremamente séria. Em geral, passamos semanas nos preparando para apresentações assim, que envolvem sofisticados slides de PowerPoint, imagens supercoloridas e muita pesquisa de mercado.

– O voo de volta para a Dinamarca é na hora do almoço e ele quer passar aqui antes. Eu estava prestes a ligar e dizer que não conseguimos preparar nada, mas...

– Eu faço.

Josh Delaney e os chefes da agência veriam do que eu sou capaz.

– Tem certeza?

– Tenho.

Eu estava com muita raiva, assumo, mas ninguém poderia dizer que não tentei.

– Ninguém espera que você feche negócio, é claro, mas vai ser de bom-tom mostrar que não dissemos “não” ao Wilder. Você vai ganhar muitos pontos por tentar. É um tiro no escuro, mas vão gostar de saber que fizemos alguma coisa.

– Qual é o briefing? – perguntei, endireitando os ombros.

Nada a perder e tudo a ganhar.

Megan me estendeu uma única folha de papel. Olhei duas vezes. Onde estava o documento que costumávamos receber, com páginas e mais páginas de estatísticas e fontes elegantes, títulos e subtítulos sobre *ethos*, valores e a medida da panturrilha do diretor administrativo?

*Hjem*  
*Trazendo a essência do Hygge para o Reino Unido*  
*na Marylebone High Street*

– É isso?

Encarei com descrença a fonte simples que marcava o papel branco, como pegadas na neve. Essa era minha *grande oportunidade*. Só podia ser brincadeira. Era como se me dessem uma tesourinha de unha e me pedissem para deixar o campo de Wembley pronto para a final da Copa da Inglaterra. Minha carreira e a chance de mostrar a Josh Delaney que eu estava de volta ao jogo se resumiam àquilo?



## Capítulo 2

– Connie! – chamei, entrando em casa às pressas, largando a bolsa e tirando os sapatos enquanto corria até a cozinha. – Preciso da sua ajuda. E podemos muito bem usar isso aqui.

Ela pulou da cadeira e saiu de trás da eterna pilha de cadernos, olhando a garrafa de prosecco que eu segurava.

Nosso apartamento tinha sido um belo achado, simplesmente pelo fato de que era algo pelo qual podíamos pagar. O loft sem paredes e divisórias tinha pouca mobília – o que o impedia de ser totalmente sem graça, mas ainda assim o espaço era apertado. O piso era coberto por um daqueles carpetes finos que deixam a gente sentir cada prego nas tábuas. As atrações principais eram a TV de tela plana e o aparelho de DVD, nossa maior fonte de entretenimento, já que estávamos sempre duras. Por esse motivo, passávamos muitas noites em casa assistindo a comédias românticas, acompanhadas de uma garrafa de vinho e enroladas no edredom, já que o apartamento estava sempre congelante.

O sistema de aquecimento dependia de um boiler que era um tanto temperamental para a função. O proprietário não parecia nem um pouco interessado em mandar consertar e tínhamos cansado de reclamar.

– Uuuh, prosecco! E de boa safra... Um Co-op, de 26,95, acho.

Os olhos de Connie brilharam como era de costume quando havia álcool na jogada.

– Não, é da Marks e Sparks na Victoria Station. Foi 29,99. Comprei ontem quando *achava* que seria promovida.

– Putz, que merda! Não rolou? O que aconteceu?

– O desgraçado do Josh Delaney.

– O que ele fez?

Connie não tinha conhecido Josh, já que ele sempre preferia que eu fosse para a casa dele.

– Quer saber o que ele fez? Roubou a minha promoção. E tem mais! – exclamei, minha voz alcançando um agudo de dar inveja a qualquer corista.

– Roubou minha ideia e fingiu que era dele.

– Você não pode contar isso para alguém?

– Não. Fica um pouco difícil explicar para o diretor administrativo a conversinha pós-sexo em que eu compartilhei uma estratégia de marca e a ideia de criar um aplicativo.

Connie ergueu a mão.

– Amiga, estou ficando confusa com esses termos todos, e, juro, se é sobre isso que você fala depois de transar, está precisando sair mais.

– Você tinha que ter visto como foi.

– Fico feliz por não ter visto. O que ele disse?

Fechei os olhos e balancei a cabeça.

As mensagens insistentes de Josh só pararam quando concordei em encontrá-lo na escada. Ninguém da agência costumava usá-la.

Josh pelo menos tinha tido a decência de se desculpar.

– Olha, Kate, eu entendo que esteja decepcionada, mas me deixa explicar o contexto. Eu mencionei brevemente a coisa do aplicativo. Não reivindiquei a ideia de forma alguma e nunca, em momento algum, falei que tinha sido minha. Eu ia dizer que era sua, mas quando vi eles já tinham gostado e colocado em prática.

– Mas você podia ter me contado que estava querendo a promoção. Por que não disse nada?

– Eu não levei muito a sério no começo. Mas aí... bem, a gente faz 30 anos e começa a pensar no futuro. Para você está tudo certo, mas eu vou ter que ser chefe de família um dia. Preciso subir na carreira.

– Como é? Você vai ser chefe de família um dia? – repeti, usando o tom mais duro que consegui diante da mais absoluta incredulidade.

Levei as mãos ao rosto em descrença. Ele não podia estar falando sério.

– Kate, um dia você vai estar casada, com filhos. Não vai precisar de uma renda.

– E-eu...

Gaguejar foi a única coisa que consegui fazer.

– Ah, qual é. Seu pai vai te bancar quando você cansar de brincar de ter uma carreira.

– É sério isso?!

Encarei aquele rosto bonito e de repente me dei conta do queixo franzino, com um princípio de papada, do cabelo bagunçado de adolescente que escondia estrategicamente as entradas, do terno bem cortado disfarçando uma leve barriguinha.

– A pessoa que falou que o homem de Neandertal morreu há 40 mil anos era muito otimista.

Ao terminar minha história, bebi um gole do prosecco e, amarga, ergui a taça para Connie em um brinde.

Ela riu tanto que deixou sair bebida pelo nariz. O que me deixou furiosa.

– Você está brincando...

Tendo morado a vida toda a duas portas de mim, Connie era quase da família. Minha mãe e a mãe dela se conheceram no pré-natal e, quando nós duas nos mudamos para Londres, nem por um segundo cogitamos morar com qualquer outra pessoa. Tínhamos passado por muita coisa juntas. A mãe de Connie tinha fugido com o leiteiro – é sério –, e a minha teve um aneurisma que logo a levou à morte. Em um minuto ela estava aqui e, no outro, havia esse enorme vazio na nossa família que, sendo sincera, nunca foi preenchido.

Balancei a cabeça, mordendo os lábios e rindo com ela.

– Melhor avisar seu pai, pra ele começar a polir o Rolls-Royce.

Balancei a cabeça e nossa risada foi perdendo a força.

– Eu sinto muito, Kate. Que cara babaca.

Connie sabia que eu tinha ajudado meu pai a quitar a hipoteca.

– Completa pra mim – pediu ela, esticando a taça. – Você deu um pé na bunda dele, né?

– Com certeza.

– Boa garota. E depois cortou as bolas dele, certo?

– Droga, sabia que eu tinha me esquecido de alguma coisa.

Brindamos outra vez. Connie apoiou o queixo em uma das mãos e ficamos em um silêncio contemplativo. Eu estava fazendo piada da traição de

Josh, mas tinha doído. Não fazia muito tempo que estávamos saindo, mas eu gostara de ser um casal para variar. Londres pode ser bem solitária para os solteiros, era legal ter alguém com quem fazer as coisas. Nós dois trabalhávamos muito e por isso tinha dado certo. Tínhamos muito em comum.

– Katie, vale a pena? – perguntou Connie num tom mais suave.

Engoli em seco. Connie e eu não tínhamos conversas sérias.

– O quê? – perguntei, bebendo o que restava do meu prosecco e sentindo os ombros ficarem tensos.

– Você sabe. Seu emprego. Parece que ultimamente é só isso que você faz. Trabalhar. Até o Josh tem a ver com o trabalho. Você não acha que precisa se divertir um pouco?

– Eu me divirto muito – respondi, mas senti um incômodo. – Na verdade, vai ter uma festa em breve. Embora, em tese, fosse para eu ir com o Josh. Alguma chance de você me emprestar o vestido azul?

– Empréstimo, claro. Onde vai ser?

– Er... é, ah... uma coisa black tie.

Connie gemeu.

– É a trabalho, não é?

– É um evento de premiação da área. O Newspaper Circulation Awards. Mas vai ser legal e eu amo o que faço, Connie.

– Incrível, só que não.

Ela baixou a taça e empurrou os cadernos para o lado.

– Sério, Katie, estou preocupada. Você está parecendo um hamster na rodinha, correndo sem parar. De vez em quando você até para, pega uma sementinha de girassol, mas enfia na boca só para guardar e comer depois. Eu sei que também trabalho muito, mas pelo menos tenho os feriados escolares para descansar. Quando é que você tira um tempo para você? Quando vou para a casa dos meus pais nos fins de semana, meu pai faz um esforço, entende? Já você limpa a casa do seu pai, organiza a bagunça dele e dos seus irmãos e abastece a despensa. Você não pode substituir sua mãe para sempre, sabia? Em algum momento eles vão ter que se virar.

– Eu me preocupo com eles. Me preocupa o papai não estar comendo direito.

– E você acha que isso vai ajudar?



Com certeza ajudava a diminuir a culpa que eu sentia por ter abandonado os três.

– É a minha família, Connie. Eu tenho que ajudar. E eu ganho bem mais que eles.

– Eu sei, mas convenhamos. O John podia muito bem fazer a parte dele. Quantos empregos ele já teve? Toda vez ele tem que sair antes de ser mandado embora por ser um idiota preguiçoso. Já o Brandon...

Connie esboçava um leve sorriso sempre que falava do meu irmão mais novo.

– Bem, é uma situação diferente. Mas ele não é um idiota. A réplica da Tardis ficou incrível. Aquele tonto.

Meu irmão era fã de ficção científica e, nas horas vagas, gostava de construir réplicas em tamanho real de itens de seus filmes e séries de TV favoritos.

Connie tamborilou na taça e se endireitou.

– Se parasse de jogar aquela porcaria de *Fifa*, ele conseguiria algo muito melhor do que esse emprego desprezível de meio período no ferro-velho. E seu pai não é tão inútil quanto gosta de fazer parecer.

A boca de Connie se fechou em uma linha firme, como se ela tivesse dito tudo o que tinha para dizer sobre o assunto.

Um silêncio desconfortável ameaçou se instalar. Eu a amava muito e ela com certeza me entendia melhor do que meu pai e meus irmãos. Mas eles eram minha família, só eu podia falar mal deles.

– Você disse que precisava da minha ajuda. Mas, se não é para caçar o desgraçado do Josh com uma faca bem afiada, o que provavelmente não pegaria bem no meu trabalho se fôssemos pegas, o que você quer?

– Aquele seu livro. Sobre velas.

– *A arte do Hygge*.

– Eita, engasgou com a bebida?

– Não, idiota. É uma palavra dinamarquesa.

Ela me deu um sorrisinho torto e bastou isso para voltarmos ao normal. Connie repetiu a palavra, que soava como “riu-gã”, mas ainda assim achei que parecia tipo uma prece para o grande deus da privada branca.

– Soletra-se agá-ípsilon-gê-gê-e.

– Imaginei. Mas, então, do que se trata? Design de interiores dinamarquês?

O olhar que ela me lançou era de puro horror.

– Nããão, é muito mais do que isso. É uma atitude. Uma abordagem para a vida.

Connie remexeu no carrinho de compras que parecia estar sempre ao seu alcance. Ser professora aparentemente envolvia carregar um montão de coisas por aí.

– Foi criada por algum dinamarquês bonitão, primo de segundo grau do Viggo Mortensen. Ele criou o Instituto da Felicidade ou coisa assim.

Eu fiquei atenta à menção do nome Viggo. Nós duas ficamos caidinhas por ele quando vimos *O Senhor dos Anéis*.

– Eu tenho lido tudo sobre o assunto. Você sabia que a Dinamarca é o país mais feliz do mundo?

– Eu li uma matéria sobre isso no metrô hoje de manhã, mas não fiquei convencida. Parece que eles têm uma taxa alta de mortes, detetives mulheres obsessivas e uma chuva eterna, de acordo com todos os thrillers escandinavos a que assisti. Não parece muito feliz para mim.

– Não, é sério. Isso tem a ver com melhorar a qualidade de vida através das pequenas coisas.

A expressão sincera dela me impediu de fazer piada.

– Por isso as velas – disse Connie, apontando para as três em cima da cornija da lareira e fazendo uma careta. – Em tese, elas ajudam a deixar o lugar mais aconchegante.

– Não está funcionando.

– Eu sei. O mofo na parede não ajuda.

– A gente devia falar com o proprietário de novo. Embora, depois da casa do meu pai, minha expectativa esteja bem baixa nos últimos dias.

Esfreguei os olhos. Ela estava certa sobre a coisa do hamster na rodinha. O dia não tinha horas suficientes.

– Preciso de um intensivão em *hy*... seja lá como se fala. Tenho uma apresentação depois de amanhã. Posso pegar seu livro emprestado?



## Capítulo 3

Eu estava reconsiderando. O dia da apresentação tinha chegado. A maior da minha carreira e minha única chance de mostrar a Josh e à diretoria do que eu era capaz. Por que diabos eu estava botando tanta fé em velas, alguns galhos de bétula, uma luminária cara e no talento da equipe de mudanças da agência? Quando Megan prometeu que arcaria com minhas despesas, acho que uma luminária de duzentas libras não era bem o que tinha em mente, mas o efeito daquela luz dourada suave era exatamente como na foto do livro de Connie.

Eu não podia me dar o luxo de pensar em como estava cansada. Na noite anterior, eu tinha chegado em casa depois das dez, após vasculhar a Oxford Street inteira. E então segui pela madrugada aperfeiçoando meus tradicionais biscoitos de aveia dinamarqueses que Connie tinha jurado serem muito *hygge*.

A preparação da véspera para minha grande apresentação também contou com a leitura do livro de Connie do início ao fim, pesquisa de imagem na internet sobre o tema – meias, velas, casais apaixonados embaixo de mantas de caxemira, mãos enluvadas segurando xícaras de chocolate fumegante –, e em seguida uma maratona de compras on-line.

Aparentemente, o caso de amor dinamarquês com velas se estendeu até meu local de trabalho, o principal ponto de partida da minha estratégia para conseguir ficar com a conta de Lars. Cheguei ao escritório às sete da manhã com um único objetivo: *hyggificar* – um novo verbo no meu vocabulário – a menor sala de reunião do prédio. Eu sabia que seria um desafio torná-la aconchegante, mas tinha muita fé nas velas e na luminária cara.

Também providenciei chá, duas canecas bem coloridas da Anthropologie – uma com um L e outra com um K – e um prato para colocar os biscoitos caseiros. Embora estivessem feios mesmo sendo o resultado da terceira fornada, eu tinha feito um bom trabalho arrumando direitinho o espaço onde ficariam expostos.

O cenário estava pronto, ou o mais perto disso que eu poderia esperar. Depois de um tour pelas salas do prédio, bem no estilo Cachinhos Dourados, eu tinha reunido ali o seguinte: duas cadeiras (que não combinavam, mas que eram as mais confortáveis que encontrei) colocadas ao redor de uma adorável mesa de madeira de bétula (uma peça de mostruário esquecida da Ercol que fora usada em uma sessão de fotos). Na estante de livros que mandei trazer de outro andar, substituí todos os que estavam nela por outros com lombadas coloridas para uma bela composição.

Não exagerei nas velas: apenas cinco. Um conjunto de bom gosto com três na mesa e duas em cima da estante, onde também coloquei uma chaleira, um pote com café, outro com chá, leite, açúcar etc. Ao que parecia, era bem dinamarquês seguir todo um ritual para preparar chá e café.

Tentei dar um jeito nos galhos de bétula, que coloquei em um vaso amarelo radiante, até que veio a ligação da recepção avisando que ele chegara. Os galhos não pareciam acolhedores. Não importava o que eu fizesse, ainda eram dois galhos presos com um laço de fita enfiados em um vaso.



Louro, é claro, e charmoso, Lars Wilder, CEO da loja de departamentos dinamarquesa Hjem, também era alto e ostentava aquela aparência saudável de outdoor que as pessoas associam ao norte europeu. Ou ao menos era a imagem que eu tinha depois de tantas leituras e pesquisas na véspera. Com mais de 1,80 metro, ele de fato tinha um ar meio viking.

– Bom dia, sou Kate Sinclair – falei, estendendo a mão.

Tentei ler a linguagem corporal dele. O homem exalava tranquilidade, diferentemente de mim, que estava com um frio absurdo na barriga.

– Bom dia, Kate. Lars Wilder. Muito obrigado por ter concordado em me receber esta manhã.

Examinei o rosto dele em busca de alguma ironia. Clientes que pagavam nossos valores em geral esperavam que a gente fizesse o possível e o impossível por eles.

A iluminação sutil contrastava com as luzes brilhantes do corredor externo e percebi Lars lançando um olhar de aprovação para a sala.

– Por favor, sente-se.

Indiquei a poltrona de couro craquelado. Havia um xale dobrado em um dos braços e ela estava posicionada de frente para uma engenhoca da década de 1980, uma espécie de poltrona com tiras de couro sobre uma armação de metal, bem mais confortável do que parecia.

Comecei a preparar o chá. Estranhamente, a atividade fez a conversa fluir com mais facilidade. Perguntei a ele como havia sido a viagem.

Quando enfim nos sentamos, eu tinha desperdiçado uns bons dez minutos da reunião aguardando a chaleira ferver.

– Os biscoitos estão ótimos – comentou Lars, assentindo e estendendo a mão para pegar um segundo.

– Obrigada.

– Você que fez?

Ergui as mãos em um gesto de quem diz “não foi nada de mais”, mas pensei no estado da cozinha e no pote de plástico com os biscoitos intragáveis das outras fornadas. Connie e eu passaríamos semanas comendo aquilo.

Ele mordeu um pedaço.

– Muito bom.

– Receita de família – menti.

Minha mãe fazia um bolo vitoriano sensacional, mas nunca tinha feito um biscoito de aveia na vida.

– Ah, família...

Ele abriu um grande sorriso e esticou as mãos de modo expansivo para os lados a fim de dar ênfase às suas palavras.

– É algo tão importante, não é? E as receitas de família, então? Minha mãe é famosa por seu *kanelsnegle*.

Inclinei a cabeça e sorri como se tivesse aprendido com a minha própria família o que era *kanelsnegle*.

– Ela acha que dá para resolver todos os problemas fazendo torta.

A mãe dele me pareceu um pouco esquisita, mas sustentei o olhar de Lars como se fosse algo normal. Ele claramente gostava muito dela.

– Ela é dona de um café chamado Varme, que significa “calor” em dinamarquês. É um lugar bem especial. Minha mãe ama cuidar das pessoas.

Quase suspirei alto. Mas devia ser legal ter alguém cuidando da gente, né? Nos últimos anos era como se eu estivesse por conta própria, me esforçando para remar contra a maré.

– São esse calor e essa atmosfera caseira que eu quero trazer para o Reino Unido.

Quando Lars pigarreou, levei um susto e me dei conta de que eu estava com o pensamento longe.

– Minha mãe aprovaria – disse ele, olhando ao redor. – É tudo muito *hygglich*, muito dinamarquês. Você se saiu bem, vejo que é criativa e observadora e que já tem certo entendimento sobre o *hygge*. Gostei das xícaras.

– Obrigada. Fiquei feliz por ter vindo hoje e por ter me dado a chance de conversar com você.

Minhas palavras formais secaram na língua quando Lars deu uma gargalhada.

– Não, você não ficou. Por dentro está me xingando por ter marcado em cima da hora e pela pouca informação que passei.

O sotaque dinamarquês, de vogais curtas e pronúncia clara, era encantador e amenizava a franqueza das palavras.

Por um momento, diplomacia e franqueza travaram uma guerra. Sorri.

– Bem, não é a abordagem mais ortodoxa, mas ficamos intrigados.

– Tão intrigados que resolveram sacar os figurões para essa reunião.

O sotaque não disfarçava *tanto* a franqueza. Talvez eu não fosse uma figurona, mas era uma figurinha importante.

– E os biscoitos caseiros – acrescentou ele, com um sorriso encantador.

– Fiquei intrigada e não tenho medo de desafios. Como você disse, essa reunião foi marcada em cima da hora, mas eu trabalho no departamento de estilo de vida. Na minha carteira de clientes há uma empresa de móveis, uma de café, uma rede de lojas de queijo e uma de hotéis de luxo. Estou mais do que qualificada para cuidar da sua conta. Minha chefe está fora hoje o dia todo em reunião – prossegui, e cruzei os dedos mentalmente, torcendo para

estar falando a coisa certa –, mas ela achou que eu seria a melhor pessoa para conversar com você.

*E não a mais desesperada por uma promoção, pensei.*

– Não dei muito tempo para você se preparar, mas estou vendo que se saiu bem. E também não me bombardeou com e-mails cheios de perguntas.

Ele olhou ao redor. Eu sabia que estava procurando o projetor e o laptop.

Ergui a mão como se fosse detê-lo.

– Olha, eu vou ser sincera. Não preparei nada para hoje. Não por falta de tempo, mas porque pensei “ele é o especialista no assunto, ele vai saber dizer o que quer”. Sei que você esteve nas melhores agências e que todas ofereceram ideias brilhantes, mas você claramente não gostou de nenhuma. Achei que seria mais fácil conversar com você e descobrir o que realmente quer. Achei que oferecer a resposta padrão não ajudaria.

Lars deu um sorrisinho, ficou de pé e caminhou pela sala, as mãos às costas.

– Gostei de você, Kate Sinclair, e gostei da sua forma de pensar. Nós, dinamarqueses, preferimos uma abordagem mais suave, e já vi que você entendeu um pouco a mentalidade do *hygge*.

Na pronúncia dele, *hygge* pareceu bem menos ameaçador que o *haka* neozelandês, e bem mais simpático.

– É muito gentil da sua parte, mas acho que tenho um longo caminho a percorrer. Você devia ver como é o meu apartamento.

– Exatamente – interrompeu Lars. – Todas as agências quiseram me dizer o que é o *hygge*. Mas o *hygge* é uma coisa indefinível, que tem um significado diferente para cada pessoa. Quando é certo, é certo, entende? Eu assisti a um milhão de apresentações... Se ouvir falar em mais uma promoção oferecendo *hygge* imediato, reforme sua casa com *hygge* e destinos de férias ao estilo *hygge*, juro que vou derreter até a última vela do Reino Unido. Todas as agências que visitei foram muito... É difícil explicar. Elas eram muito...

Ele deu de ombros. Olhou ao redor, sorrindo e assentindo para as velas.

– Frias e profissionais demais. Mas isso... Tudo isso aqui... Você entendeu exatamente o espírito.

Assenti e deixei que ele continuasse.

– Nossa loja, a Hjem, vai ser muito, muito mais do que um lugar para comprar velas, cobertores e produtos para casa, o que parece ser o senso comum daqui em relação ao *hygge*. Eu quero que as pessoas sintam o *hygge* em cada pedaço da loja, quero que elas passem tempo lá dentro, na seção de livros, na seção de artigos para cozinha. Teremos mostruários, lugares para as pessoas se sentarem, aulas de arranjos de flores, de culinária, de confecção de cartões, de tricô, de produção de enfeites de Natal. Seremos uma comunidade animada e também uma loja de departamentos.

– Parece interessante – comentei, me perguntando como isso tudo poderia ser traduzido em uma campanha.

– Mas é importante que as pessoas entendam o *hygge*.

Assenti. Para mim, parecia pouco palpável.

– Eu gostaria então de levar algumas pessoas a Copenhague e oferecer uma amostra de como vivemos e de como nossa sociedade funciona. Quero que elas possam apreciar de verdade o *hygge*.

– É uma ótima ideia – falei.

Uma viagem para a Dinamarca realmente seria bem legal, e Lars era um homem encantador e caloroso.

– Está vendo, Kate? Foi por isso que eu soube que você era a pessoa certa para o trabalho. As outras agências disseram que seria muito difícil, que ninguém iria para a Dinamarca nem ficaria mais de uma noite. Acho que vamos trabalhar bem juntos.

– Vamos?

Então estávamos fechando negócio?

– Vamos. O que eu estava procurando em todas as agências era o encaixe perfeito. E esse encaixe é você. Gosto do seu jeito de pensar – disse ele, e depois foi direto ao ponto. – Queria começar agora mesmo. Acha que consegue montar uma lista com seis jornalistas?

– Seis jornalistas?

– Isso, que irão à Dinamarca. Acho que cinco dias é o suficiente.

Quando falou “pessoas”, Lars não tinha dito que precisavam ser jornalistas.

– Seis jornalistas, cinco dias – repeti.

Ele assentiu.



– Perfeito. Em cinco dias podemos mostrar a eles o melhor que Copenhague tem a oferecer e ensinar sobre o *hygge*. Conheço a pessoa certa para ajudar.

*Putz...*

Não é de admirar que as outras agências tenham decepcionado Lars. Eu sabia, por experiência própria, que, se persuadir jornalistas a comparecer a eventos em Londres por uma noite já era difícil, que dirá convencê-los a fazer uma *press trip* de cinco dias para o exterior. Seria um milagre. No que eu tinha me metido?

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

